

Fragmentos de uma Antropologia Anarquista

Baedan

2014

Conteúdo

baedan	3
Fragmentos de uma Antropologia Anarquista	4
O Ritual	5
A Máscara Preta	5
A Sangria	6
O Início do Fogo	7
A narrativa	7

baedan

Fragmentos de uma Antropologia Anarquista

Nesta época, como em todas as outras, existem aqueles que estão desesperadamente do lado do caos, da imprevisibilidade, do acaso. Que nada desejam senão deliciar-se com o nada e buscar diversão no desdobramento do cosmos.

Mas nisso eles são impedidos e desviados por tantos emissários e pregadores de um mundo onde tudo tem que ser—e é—exatamente como é. Um mundo que insiste no trabalho árduo servido com um sorriso, um mundo de recompensa e punição, de escolhas justas e de escolhas erradas. Um mundo cujos males exigem reparação, no qual a porta está sempre aberta para fazer algo a respeito de qualquer coisa e no qual todos devem encontrar o seu lugar. Um mundo que, dizem, é este.

Em seus piores dias, os anarquistas acreditam que os pregadores devem estar certos, tão numerosos são seus rebanhos. Sem dúvida seria mais fácil se acabasse aqui, mas como nada acaba, eles começam, como que motivados, a questionar novamente o mundo da ordem.

Encontrando-se inexplicavelmente resistentes e enredados em uma teia cada vez mais profunda e intrincada, eles realizam seus rituais. Os bandos anarquistas são secretos ao extremo e, ao que tudo indica, não admitem a existência desses rituais nem para eles próprios. No entanto, pode-se observar certos ritos cruciais para a coerência, moral e mitologia dos bandos anarquistas.

O Ritual

O ritual, para os anarquistas, ultrapassa a mera repetição da forma. A repetição é um dos aspectos do ritual e possui várias facetas próprias. Por um lado, existe a questão da sobrevivência. A questão da sobrevivência pode ser altamente obscurecida, mas nunca está ausente, e os rituais são desenvolvidos não apenas para garantir a sobrevivência de seus praticantes, mas também para sua própria resistência. Quando se repetem, passam adiante e, quando se repetem, lembram o passado. Assim, outra faceta da repetição é estimular a memória, de modo que se veja os próprios gestos em seu lugar dentro de uma longa corrente.

A corrente liga o praticante - ao gesto, ao passado, ao futuro - apenas para se desvincular. Há um ponto nos movimentos em que é preciso reconhecê-los como metáforas, como paródias, nem acidentais nem como um fim em si mesmos. Eles dizem que as formas se dissolvem nas bordas, onde a pessoa não está olhando diretamente, e ondulam para dentro e para fora de si mesmas. Gestos que se corroem porque devem corroer a forma habitual de percepção do praticante.

Para o anarquista, um ritual não é um exercício de adesão. É uma iniciação, certamente. Mas, em vez de ser uma forma de entrar no grupo, é exatamente o oposto—uma saída.

A Máscara Preta

*Viver em sociedade é usar uma máscara,
mais ou menos adequada,
e encontrar uma variedade de rostos,
mais ou menos familiares.*

A máscara preta é o símbolo mais visível do anarquista. Sua existência é conhecida pelo novato antes mesmo de ser contatado, mas seu simbolismo ritual é desconhecido para ele até sua iniciação.

No momento da iniciação, um momento não reconhecido até que aconteça, o novato se encontra sozinho com uma bolsa. Ele se encontrou aqui por um caminho estranho e esquecido, uma série de manobras sutis e gestos memoráveis. Na verdade, ele foi trazido aqui, levado por uma sensação inabalável de desconforto com o jogo social. Esse desconforto se manifesta de várias maneiras: falando sobre tal, fazendo diferente, fazendo errado, às vezes recusando-se a fazer. E essas pequenas recusas, com o desprezo que ganham da maioria e o interesse que despertam nos outros, atraem-no para um bando. A banda tem seus próprios jogos sociais, seus maus modos e modas invertidas, suas paródias de normas sociais. É quando ele se cansa disso, quando contempla com um senso semelhante de cinismo o macrocosmo e o microcosmo; o verso, inverso, reverso e perverso; os súditos leais e a oposição leal; é então que ele sai da empresa e se encontra sozinho. Sozinho, se desconsiderarmos a bolsa.

O novato e a bolsa estão sozinhos em um lugar. O lugar é uma sala, ou um carro, ou um pedaço de terra ou algum outro lugar. A bolsa não tem nada de especial, mas é familiar, e parece oferecer um vago alívio à presente circunstância. O novato abre a bolsa com uma antecipação diluída pelo cinismo: ele meio que espera encontrar alguma mensagem secreta e meio que espera descobrir nada de interessante. Na bolsa há um pequeno pacote de tecido, dobrado com cuidado, preto como a noite. Ele a retira e a reconhece como a máscara do anarquista.

Ele se sente quase como se pudesse rir. Diante do tecido, ele se questiona da razão pela qual nunca antes contemplou por que a máscara preta é o rosto da anarquia. Ele já usou a máscara antes, pensando apenas no imperativo prático do anonimato. Agora veio a ele como uma resposta estranha à sua pergunta, de forma alguma o que ele estava procurando, mas uma resposta mesmo assim. A máscara é um presente que ninguém lhe deu e carrega consigo, como todos os presentes, sua pergunta silenciosa. O anonimato que ela oferece não é o anonimato frio da sutileza social, mas um abraço caloroso de algo que não se importa com ele. Não é o presente mais bonito. Não afirma nada. Tudo o que oferece é um lembrete para relaxar porque, para o universo, ele nada mais é do que uma dobra de seu desdobraimento. Com um suspiro profundo e uma estranha sensação de cócegas, ele aceita o presente.

Enquanto ele caminha de volta do local onde estava sozinho para o local onde o grupo está, seus passos parecem apenas o cumprimento da inevitabilidade, como se puxados por nenhuma outra força além da estranha passagem do tempo.

O iniciado não fala do ritual. A marca da iniciação pode ser presenciada na maneira como ele usa a máscara social (um pouco menos rígida, um pouco menos importante, como se procurasse divertir e se divertir). Ele ainda sente, com certa tristeza, seu peso, e lembra, com certa nostalgia, como ele desapareceu no algodão preto. Mas ele ouve alguém chamando e, reconhecendo um convite para passar o tempo, ele se junta ao grupo.

A Sangria

Toda minha vida sofri, mas sempre por dentro.

O sangue da iniciação sempre foi para ela um lembrete silencioso de quem ela é; ou, pelo menos, do que ela não é. Desde que ela consegue se lembrar, o sangue a fascinou. Há quase tanto tempo que ela sabe que isso a torna estranha.

Quando você cai e se corta, não deve ficar olhando para o ferimento. Você não deve gostar de assistir quando o médico tira seu sangue. Você não deve saborear o sabor quando cai e racha o lábio, e definitivamente não deve adquirir o hábito de sangrar para poder sentir o sabor novamente.

Quando você fica doente, não deveria ter uma vontade louca de abrir uma veia e deixar a doença sair. Quando você gosta de alguém, não deve se perguntar qual é o gosto dessa pessoa. Quando você está fazendo sexo, não deve querer rasgar o pescoço com os dentes e as costas com as unhas, como se estivesse tentando matar seu parceiro. Você não deve ter que usar mangas compridas e colarinhos altos como se tivesse algo a esconder. Você não deve deixar as pessoas que se importam com você preocupadas. Você não deve se sentir envergonhada de quem você é.

Quando você sente tristeza demais para segurar dentro de si, você não deve acreditar que pode deixá-la sair de você em lágrimas vermelho-escuras que despencam na bacia e florescem ali em formas tão bonitas que fazem você se sentir melhor. Quando você se sente como uma máquina, ou como parte de uma máquina, e não tem certeza se está viva, não precisa se abrir e dar uma espiada para se acalmar. Quando você deseja fazer uma ligação com um lugar, não deve fazer um presente para o solo com suas veias. Quando você sente pela primeira vez que há alguém em quem você confia, você não deve implorar a esse alguém para deixá-la abrir sua pele para ver seu sangue e prová-lo. E você não deve misturá-lo com o seu para sentir o pulso de outra pessoa em suas veias.

Você não deve sentir que ninguém mais precisa disso para se desapegar. Mas você sente. E cada vez que você libera um sentimento, esse outro sentimento se instala mais profundamente. No derramamento de sangue, você pode finalmente deixar isso de lado.

O Início do Fogo

E no oitavo dia, nós aquilo queimamos.

Algum tempo depois de sua iniciação, o iniciado pode estar pronto para o ritual de invocação. Os anarquistas não tendo leis para determinar a prontidão de alguém nem anciões para marcar o tempo, os próprios iniciados devem determinar sua disposição e fazer os preparativos necessários. Embora isso possa ser feito sozinho, geralmente é o trabalho de alguns, pois a invocação não é apenas um ritual de poder, mas também de união.

Os motivos dos iniciados para chamar o fogo são variados. Eles podem fazer isso para destruir, causar problemas, se divertir ou se sentir poderosos, mas nada disso é o fascínio do fogo. Não é um ritual de exercício do próprio poder, mas de ocupação de um espaço através do qual o poder é transferido. Há pouco esforço necessário para os iniciados adquirirem os materiais e habilidades, e o poder que eles invocam é grande demais para que eles chamem de seu. Embora possam não saber, eles convocam o fogo para serem transformados: forjados por seu calor e fundidos uns aos outros por sua luz. O fogo se decompõe e lançará ao vento o que pode, mas o que passar por ele intacto aumentará em resistência às forças que procuram quebrá-lo. Esta é uma qualidade muito desejada pelo anarquista.

O fogo começou, a partida em andamento, o adepto se vira por um momento e encara a forma do poder rugindo enquanto dilacera o mundo. Ela engasga na tentativa de dar voz ao desejo que o toque do fogo desperta: que ela gostaria de fazer uma pausa, para absorver o calor e a luz desta chama imponente, para se deixar maravilhar pelo poder que ela convocou. Mas ela sabe que não há tempo para se demorar e sente o gosto amargo da abstinência, mesmo em seu crime, do desejado encontro com o caos.

A narrativa

Quando as bandas estão dispersas e sobrevivendo, quando há trabalho a fazer e pouco tempo para lembrar ou contemplar, e nenhuma razão para ficar ocioso, esses são os momentos em que as histórias são feitas.

Sempre que alguns partem, quando os que ficam sentem tristeza e vazio, chega um momento em que as histórias são contadas. Mas os anarquistas nunca estão livres da dor, então a narração de histórias é o mais comum de seus rituais, e isso acontece toda vez que os bandos anarquistas se unem, e é o propósito de sua união.

Em primeiro lugar, porém, os tempos de reunião são gastos dissipando impulsos e reorganizando energias, trocando feridas e ensaiando planos. Só então, quando os iniciados estiverem acomodados e houver espaço para o silêncio, a narrativa poderá começar. Pois a narrativa não pode ser realizada até que todos estejam prontos para ouvir.

É um sentimento de perplexidade que sustenta esse ritual de reunião - isso e o reconhecimento silencioso de uma necessidade de virar. O anarquista está acostumado a ver o mundo de fora. Ela recorre à narrativa para ouvir sobre os forasteiros de fora - não da sociedade que os tornou forasteiros, mas de um lugar além de ambos - um lugar habitado pelo contador de histórias.

A máscara do contador de histórias passa livremente entre os iniciados e muitas vezes é impossível dizer quem a usa. Mas seu uso amadurece naturalmente com a idade, tanto que a máscara muitas vezes parece ser a própria idade, sussurrando seus segredos. Através dela, os iniciados podem escorregar como por uma fenda e observar as franjas de suas vidas vibrarem tremulamente com o vento do tempo.

Ao longo da história, frequentemente revisitaremos uma perda grave ou algum horror do passado. A história não diminui a dor, ela a expande até transbordar de suas paredes. Alguém é esvaziado pela contagem de histórias, esvaziado de tudo, exceto as brasas mais bem guardadas, formadas também na história, durando o suficiente para durar a noite.

Pois embora a história vagueie por muitos caminhos, todos eles falam da extensão da noite, e daqueles que se perderam, tentando encontrar o caminho de volta ao amanhecer.

Biblioteca Anarquista



Baedan
Fragmentos de uma Antropologia Anarquista
2014

manuscrito dês autorus, baedan — um jornal da heresia queer — edição dois

bibliotecaanarquista.org